

+ ECONOMIA



MARTA SFREDO

marta.sfredo@zerohora.com.br

Com Mathias Boni | mathias.boni@zerohora.com.br

Contraste amargo de PIBão e PIBinho

O contraste entre o PIBão do Brasil (+1,9%) e o PIBinho do Rio Grande do Sul (-0,7%) no primeiro trimestre, ambos na comparação com o trimestre anterior, é forte não só pelos números, mas pelos motivos que estão na raiz – nesse caso, literalmente – dos resultados.

No país, o que surpreendeu o mercado foi o bom desempenho da agricultura, mesmo segmento que fez murchar a atividade econômica gaúcha. Outra vez, é o retrato de um Estado chuva-dependente que avança a passos lentos para buscar soluções sustentáveis. Em relação ao último trimestre de 2022, no período de janeiro a março, a agropecuária despencou 21,3%. Ou seja, quando no país o campo surpreendeu positivamente, no Estado, que tem na agricultura um pilar econômico e um elemento de identidade, puxou o resultado para baixo.

Na comparação com o primeiro trimestre de 2022, o sabor do PIB gaúcho até fica agradável, mas se trata de adoçante artificial: como a estiação do ano passado

foi mais severa do que a que tivemos no verão de 2023, parece até bom: crescimento de 13,6% na agropecuária e 57,7% na soja, principal produto do segmento. Ou seja, é apenas um efeito estatístico que mostra que antes foi pior. Nessa comparação, o PIB do RS cresceu 1,7% no primeiro trimestre, enquanto o Brasil teve alta de 4%.

O Departamento de Economia e Estatística (DEE), que calcula o PIB gaúcho, não tem hábito de fazer projeções, mas desta vez o pesquisador Martinho Lazzari fez questão de contrariar o senso comum – se a estiagem já afetou o primeiro trimestre, impactaria ainda mais o segundo.

No primeiro, detalhou, a colheita mais significativa para o PIB é o arroz, que teve queda. No segundo, a soja domina, com quebra por estiagem, mas com produção acima da obtida no ano passado.

– Para os próximos meses, puxada pela agropecuária, a economia gaúcha deverá apresentar recuperação – explicou Lazzari.

GZH

Leia outras colunas em
gzh.com.br/martastfredo

Dia de ressaca com Copom

A perplexidade com o tom duro do comunicado do Comitê de Política Monetária (Copom) do Banco Central (BC) provocou ressaca ontem. Em vez de coordenar expectativas, ou seja, ajudar a reduzir incertezas, a ferramenta descoordenou: agora, há economistas que ainda apostam no início do desbaste do juro em agosto, outros já veem isso ocorrendo só em setembro.

Mario Mesquita, economista-chefe do Itaú, observou que o comitê “não indicou uma saída iminente da estratégia de manter a taxa de juros no patamar atual” e espera que o a flexibilização comece só em setembro.

Caio Megale, economista-chefe da XP Investimentos, é um dos poucos que viu a porta abrir, mas adverte que “os passos futuros (...) serão dependentes dos dados”. Se houver poda, será de escasso 0,25 ponto percentual.

Sérgio Goldenstein, estrategista-chefe da Warren Rena, avalia que “o comunicado buscou conter um excesso de otimismo”, e mantém a expectativa de que as podas comecem em agosto, com 0,25 ponto percentual.

Apesar de admitir “o arrefecimento recente dos índices de inflação cheia ao consumidor”, o Copom fez questão de mencionar “elevação da inflação acumulada em doze meses ao longo do segundo semestre”.

O IPCA tende a ficar mais elevado à medida que saírem do acumulado os meses de deflação fake de 2022. Mas não é aumento de inflação por consumo, que o juro alto pode combater. A manutenção da Selic não terá qualquer efeito.

Agora, há enorme interesse na ata que o BC publicará na próxima terça-feira. Antes, já houve correções. Há expectativa de que se repita.

ENTREVISTA

ANDRÉ DRIESSEN Embaixador da Holanda no Brasil

Momento geopolítico aumenta importância de tratado com UE



Antes de assumir a Embaixada da Holanda (oficialmente, Reino dos Países Baixos) no Brasil, em agosto de 2021, André Driessen comandou a diplomacia de seu país na China. Ontem, antes de cumprir agenda em Porto Alegre, deu esta entrevista à coluna, destacando a importância que o acordo União Europeia-Mercosul ganhou diante da temida aproximação entre China e Rússia.

O que falta para dar velocidade ao hidrogênio verde?

Na Europa, estamos convencidos de que é um passo essencial para a transição energética no setor industrial. Primeiro, precisamos avançar para obter maior eficiência na eletrólise (processo de obtenção do combustível, que exige enorme quantidade de água). Outra parte é garantir que os projetos sejam factíveis do ponto de vista econômico e financeiro, porque são necessários grandes investimentos. O porto de Pecém (CE) tem parceria com o porto de Roterdã, que quer ser o ponto de chegada do hidrogênio verde na Europa, e dali distribuir, inclusive para a Alemanha. Falta ainda o marco legal e jurídico para dar segurança aos investidores.

Em que prazo o hidrogênio verde deve se tornar viável?

Quem está muito envolvido afirma que são necessários ao menos ainda 10 a 15 anos, com a tecnologia disponível e em aplicação, com a cadeia funcionando. O Brasil, como um dos países em que as circunstâncias para produzir hidrogênio verde são ideais, será um parceiro muito importante. Mas estamos viajando por todo o mundo, Namíbia, Omã, Austrália, Chile, Uruguai, Emirados Árabes.

O que ainda trava o acordo União Europeia-Mercosul?

1,23%

foi a queda da bolsa ontem, atribuída por analistas à ausência de sinais de corte no juro em agosto no comunicado do Banco Central. O dólar também subiu, mas só 0,09%.

Estamos em fase decisiva, na qual os países devem decidir se querem ou não. Da parte europeia, há grande vontade de fechar. A parte ambiental é importante. Temos regulações contra (a importação de) produtos de áreas desmatadas. O mais importante é convencer a sociedade e os parlamentos que esse tratado está bom, porque os governos têm vontade sincera de fechar.

Há resistência protecionista de França, Polónia?

Não tem sentido resistir, ou ter postura defensiva. Esse tratado é importante não só pelo sentido original, da parceria comercial. No âmbito geopolítico atual, a aproximação tem ainda maior importância.

A aproximação de outros atores, como China e Rússia, dá mais relevância ao acordo?

Sim, claro. Percebemos que estamos muito dependentes de poucos países para produtos essenciais, como a China. Na pandemia, descobrimos que 80% de tudo que precisamos na área médica vem da China. E também recursos essenciais, como terras raras (grupo de 17 elementos químicos, dominados por lantanídeos, escândio e ítrio, usados em supercondutores), vêm da China, mas também existem em Brasil, Bolívia, Chile, Peru. Desenvolver alternativas para independência estratégica é muito importante.

O INCÊNDIO NO POLO DO ABC DA BRASKEM NÃO FOI TÃO GRAVE QUANTO OS DANOS EM ALAGOAS QUE IMPEDIRAM A VENDA DA EMPRESA EM 2019, MAS É UM NOVO COMPLICADOR PARA O FECHAMENTO DO NEGÓCIO.



R\$ 100 milhões em concreto

Até o início de agosto, começa a operar no Estado nova indústria de concreto. Será a unidade gaúcha da Hipermix, uma das líderes de seu segmento em São Paulo. Resultado de investimento de cerca de R\$ 100 milhões, será a primeira unidade a operar no Polo Integrado da Química, em Montenegro, e irá produzir cimentos especiais e pozolanas (materiais compostos) para o mercado gaúcho.

O plano de negócios da Hipermix no polo é do M. Storti Consulting Group, com sede em Porto Alegre. A planta deverá produzir 100 mil toneladas de cimento por ano, com potencial de crescimento nos meses seguintes. Deve gerar cerca de 30 empregos diretos e outros 120 indiretos. A chegada da fábrica ao Rio Grande do Sul tem apoio do governo do Estado. A obra levou cerca de um ano e meio.